

LINGUÍSTICA E ENSINO: A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

LINGUISTICS AND TEACHING: PORTUGUESE LANGUAGE TEACHERS' TRAINING

Mary Neiva Surdi da Luz¹

RESUMO: Neste artigo analisamos como e quais saberes da ciência linguística funcionam na constituição de um curso de Letras voltado à formação de professores de língua portuguesa. A ancoramos na perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso de linha francesa (AD) em diálogo com a História das Ideias Linguísticas (HIL). Nosso percurso de análise se faz a partir da leitura de ementas das disciplinas vinculadas à Linguística, Língua e Ensino, do Curso de Letras da UNOCHAPECÓ-SC.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso; História das Ideias Linguísticas; Disciplina de Linguística, Formação de Professores de Língua Portuguesa.

ABSTRACT: This paper aims at investigating how and which theoretical aspects of linguistics are effective for implementing a Letters course directed across the educations of Portuguese language teachers. This study is anchored to a theoretical-methodological perspective of the French discourse analysis which dialogues with the History of Linguistic Ideas. Our analysis is carried out through a documental investigation of a corpus of analysis containing accounts on the Letters course, specifically at UNOCHAPECÓ-SC.

KEYWORDS: Discourse Analysis; History of Linguistic Ideas; Linguistics, Portuguese Language Teachers' Training.

INTRODUÇÃO

Para construir as reflexões que seguem neste artigo, escolhemos o percurso da análise de ementários de disciplinas constitutivas de diferentes organizações curriculares do Curso de Letras da UNOCHAPECÓ². O contexto sócio-histórico de fundação do curso de Letras da

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria e docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS- Chapecó). E-mail: neivadaluz@gmail.com

²A Universidade Comunitária da Região de Chapecó - UNOCHAPECÓ é uma instituição comunitária, profundamente identificada com o desenvolvimento regional e muito atenta às necessidades da população e das organizações situadas em sua região de abrangência. Nascida da iniciativa de lideranças locais, com o intuito de garantir a oferta de educação à população da região, há 40 anos vem contribuindo ativamente com o desenvolvimento do oeste catarinense, por meio da formação de profissionais qualificados, da educação continuada para profissionais e lideranças, da produção e publicação de novos conhecimentos, do desenvolvimento de ações comunitárias voltadas à promoção do desenvolvimento econômico, social, cultural, esportivo e da saúde, além de ações de assistência social. <<https://www.unochapeco.edu.br/info/a-unochapeco->

hoje UNOCHAPECÓ é determinante para a compreensão de suas especificidades, uma vez que tal curso é afetado pela constituição do discurso da mudança no ensino de língua (PIETRI, 2003) que emerge nos anos finais da década de 1970 e início da década de 1980. Nessa época, tomam corpo os discursos sobre a necessidade de se repensar os rumos do ensino de língua portuguesa e sobre o papel da Linguística nessa reformulação. É após essa emergência que o curso em foco configura-se, sendo, pois, afetado e determinado por essas condições de produção.

SABERES EM FUNCIONAMENTO EM UM CURSO DE LETRAS

Como afirma Scherer, “falar da história dos estudos lingüísticos, a partir dos ementários, nos leva a uma compreensão mais específica da própria história disciplinar” (2005, p. 15). Consideramos os textos das ementas curriculares como recortes de um objeto do conhecimento, como recortes do universo do dizível em uma disciplina e, por isso também, materialidades lingüísticas, objetos lingüístico-histórico-discursivos, a partir dos quais podemos analisar o funcionamento do interdiscurso na relação com o intradiscurso, bem como os modos de inscrição da história e dos sujeitos.

Considerando que cada Matriz Curricular é constituída por um conjunto de disciplinas, para selecionarmos as ementas que se tornaram objeto de análise, tomamos como critério de seleção a estreita relação entre as disciplinas e nosso objeto de estudo: Linguística e ensino de Língua Portuguesa. De todo o conjunto de componentes curriculares do *corpus*, recortamos aqueles que são nomeados de Língua Portuguesa, Leitura e Produção de Textos, Linguística e Estudos Linguísticos.

No processo de análise de nosso objeto, pelo delineamento de regularidades, chegamos à constituição de processos discursivos que colocam em funcionamento diferentes efeitos de sentido na relação entre os saberes vinculados à Linguística/língua/ensino, a partir dos quais mobilizamos as seguintes categorias de análise que designamos de saberes em funcionamento: (pro) fusão de saberes e (con) fusão de saberes: Língua Portuguesa e Linguística. Essas regularidades discursivas foram agrupadas em Blocos Discursivos Temáticos (BDT), identificados da seguinte forma:

2>. Acesso em 19 de janeiro de 2012.

Bloco discursivo temático 01 (BDT 01): (Pro)Fusão de saberes no ensino de Linguística
Bloco discursivo temático 02 (BDT 02): (Con)Fusão de saberes: Língua Portuguesa e Linguística

Cada BDT está organizado em Grupos Discursivos (GD) constituídos por sequências discursivas (SDs) agrupadas de acordo com o tema em comum e com a questão que norteia nosso trabalho de pesquisa. Em cada GD, as SDs estão identificadas numericamente. Ao final de cada SD, indicamos, entre parênteses, a data correspondente ao ano do documento de onde tal sequência foi recortada.

A *(pro) fusão de saberes* é analisada no BDT 01 que agrupa saberes vinculados nas disciplinas de Linguística e Estudos Linguísticos. Neles, identificamos a coocorrência de diferentes disciplinas e/ou teorias linguísticas na constituição de uma disciplina.

A *(con) fusão de saberes*, por sua vez, é analisada no BDT 02, a partir do qual mostramos o funcionamento de saberes vinculados aos estudos linguísticos nas ementas de disciplinas nomeadas de Língua Portuguesa e Leitura e Produção de Textos.

Em nosso percurso analítico, para compreendermos o funcionamento desses efeitos de sentido que sinalizam as diferentes relações entre os saberes, ancoramo-nos nas noções de interdiscurso e intradiscurso, tendo como pano de fundo, também, a noção de memória, sob a base teórica da Análise de discurso de orientação pecheutiana.

Como lembra Pêcheux (1999), a memória implica, ao mesmo tempo, uma regularização e uma desregularização sobre os sentidos dados, mobilizada pelo acontecimento novo, que se situa como força capaz de fazer uma lacuna nos sistemas de implícitos, impedindo-os de se assimilarem como mera paráfrase. A memória é, assim, um dispositivo capaz de se transformar e gerar possíveis e outros sentidos. Essa noção de memória se mostra produtiva quando tomamos como objeto de análise processos que envolvem as relações de ensino, em que entra em funcionamento o discurso pedagógico. Orlandi define o discurso pedagógico “como um discurso circular, isto é, um dizer institucionalizado, sobre as coisas, que se garante, garantindo a instituição em que se origina e para a qual tende: a escola” (1987, p. 28). Assim, entendemos o discurso pedagógico como um discurso *sobre* outros discursos. O discurso pedagógico, quando costuma colocar as coisas a saber como conteúdos para serem assimilados pelo aluno, conduz a uma repetição da formulação linguística, minimizando o trabalho sobre a memória discursiva. No entanto, a memória discursiva não é fixa nem

homogênea, ela é permeável a modificações por conta da ação dos sujeitos que ressignificam o que está dado.

Entendemos que essas relações de *(pro) fusão e (con) fusão* de saberes se fazem, no nível de constituição, pelo funcionamento do interdiscurso ao se operar sobre o que já foi dito, sobre o repetível, determinando os deslocamentos promovidos pelo sujeito nas fronteiras de uma formação discursiva. Isso porque o interdiscurso determina materialmente o efeito de encadeamento e articulação de tal modo que aparece como o puro "já-dito". Nessas relações, observamos também o funcionamento intradiscursivo, pois consideramos que o intradiscurso é o "fio do discurso" e que ele é do nível da formulação, no qual se realiza o trabalho de juntar, alinhar, costurar os sentidos dispersos.

Em nosso estudo, torna-se necessário também considerar que, ao tomarmos como objeto de análise as ementas curriculares, estamos tratando de um objeto que materializa o processo de didatização de saberes. Entendemos a didatização como o processo de mobilização de saberes, oriundos nesse caso da ciência Linguística, que se tornam outros ao serem transpostos para uma situação de ensino, ou seja, os saberes sábios (científicos) que são transformados em saberes ensinados pela exigência de transmissibilidade dos discursos da ciência. Tem-se uma relação que se constitui entre o científico e o pedagógico, mediada pelo funcionamento da transposição didática, que mobiliza a relação entre a teoria científica e a prática pedagógica: a transformação de objetos de conhecimento em objetos de ensinoaprendizagem.

Quando analisamos as ementas das disciplinas estamos mobilizando saberes que se encontram em um processo de didatização, ou seja, que estão transpostos para uma situação de ensino e não são mais os mesmos, são outros dentro do mesmo, pois se encontram em uma outra relação com as coisas a saber, visto que as condições de produção do discurso pedagógico são também outras em relação às condições de produção do discurso científico. Entendemos que os saberes que são ensinados só os são porque antes eles funcionam no universo do dizível dos saberes sábios, ou seja, no interdiscurso do discurso científico. A convocação de um conjunto de saberes, e não de outros, se faz com base em uma filiação a partir de uma identificação teórica.

A (PRO)FUSÃO DE SABERES NO ENSINO DE LINGUÍSTICA

Ao analisarmos os ementários das disciplinas de Linguística e de Estudos Linguísticos formulados nas diferentes matrizes curriculares do curso de Letras da UNOCHAPECÓ, objetivamos compreender no nível interdiscursivo como os efeitos de sentido se instituem no ponto de encontro entre o que está sendo dito no *fio do discurso* e a rede de sentidos socioculturais e ideológicos existentes no universo do dizível.

Quando se fala em ciência linguística, Guimarães (1983) aponta que, na década de 1980 já parecia possível dizer que os estudos linguísticos haviam superado a situação fundada por Saussure, viés pelo qual a definição do objeto da Linguística parecia excessivamente restrito, pois provocava a ruptura da relação mundo e da linguagem e tomava esta como um sistema fechado. Essa superação, no entanto, promoveu a convivência de identificações e contraidentificações a filiações teóricas³ diversas que se constituíram pela redefinição de objetos, tal como uma posição gerativo-transformacional, de base lógico-matemática, e a posição enunciativa, de base pragmática.

Observamos o funcionamento de diferentes filiações teóricas vinculadas à ciência linguística tanto na organização interna de cada disciplina, quanto na organização sequencial das disciplinas, o que nos levou à organização deste bloco discursivo em que analisamos a (pro)fusão de diferentes perspectivas e modelos teóricos na organização disciplinar, a partir dos seguinte grupos discursivos:

<i>Bloco Discursivo Temático 01 (BDT 01): (pro)fusão de saberes</i>
<i>Grupo discursivo 01- (GD 01)- Discurso fundador: Saussure e o estruturalismo</i>
<i>Grupo discursivo 02- (GD 02)- Formalismo e funcionalismo</i>
<i>Grupo discursivo 03- (GD 03)- Estudos Semânticos</i>
<i>Grupo discursivo 04- (GD 04)- Sociolinguística</i>
<i>Grupo discursivo 05- (GD 05)- Análise do discurso</i>
<i>Grupo discursivo 06- (GD 06)- (Pro)Fusão linguística</i>

Para analisarmos o primeiro Grupo discursivo - *GD 01* - deste bloco discursivo, ao qual damos uma atenção maior, partimos das palavras de Gadet e Pêcheux para quem “Saussure constitui, direta ou indiretamente, a pedra de toque de todas as linguísticas atuais, o seu ponto de partida crítico” (2004, p.55).

³ Lagazzi-Rodrigues (2007) afirma que a filiação teórica se dá nas bases de uma identificação, que no campo científico determina uma prática científica. A filiação determina modos diferentes de fazer ciência, de lidar com um objeto de estudo, que pode ser constantemente “redefinido”.

De acordo como Paveau e Sarfati (2006), Saussure definiu a língua como o objeto da linguística e fundou a linguística moderna, operando uma “ruptura com a linguística comparatista de sua época, propondo uma abordagem não histórica, descritiva e sistemática (dir-se-á. Mais tarde, ‘estrutural’)” (p. 63). O estruturalismo foi marcado por um retorno aos trabalhos de Saussure, em especial ao *Curso de Linguística Geral* (1916).

Em Pêcheux (1999), encontramos também a ideia de que Saussure pôs-se a pensar contra seu tempo, rompendo com uma série de interrogações pré-linguísticas sobre a origem da linguagem e suas determinações biológicas, lógicas, sócio-históricas ou filosóficas. Também afirma Pêcheux que “o estado atual da Linguística é que o ponto inaugural permanece *evanescente*, e que a ruptura por ele suposta *nunca é efetuada*” (p. 09)⁴.

Pêcheux (1999) afirma que, desde a publicação do *Curso de Linguística Geral* (1919) até os anos 1950, as teorias linguísticas giraram em torno de Saussure, ora filiando-se a ele, ora dela se distanciando. Essas “diásporas e reunificações” demonstram o quanto a recepção das obras do genebrino se fizeram descontinuadamente. A primeira diáspora aparece nos anos 1920: a linguística saussuriana vai vagar do círculo de Moscou até o círculo de Praga, depois vai para Viena e Copenhague. Os anos 1950 dão a aparência de uma reunificação, na qual a teoria saussuriana teria finalmente encontrado seu caminho: a "segunda vida" de Saussure parece se confundir com a da Linguística enquanto disciplina acima de qualquer suspeita. Do funcionalismo de Martinet às teorias *behavioristas* da comunicação, o pensamento de Saussure se estende até o estruturalismo distribucional de Bloomfield:

Efetivamente, de Bloomfield até Harris, e deste até os primeiros trabalhos de Chomsky, a herança do estruturalismo saussureano parecia se dirigir para suas melhores condições de realização, através da espetacular retomada, no nível sintático, dos fundamentos teóricos que Saussure havia formulado no plano fonológico e morfológico (PÊCHEUX, 1999, p. 10).

Nas ementas que analisamos, encontramos o retorno ao discurso fundador da Linguística, como podemos observar no GD 01:

<i>Grupo discursivo 01 (GD 01) - Discurso fundador: Saussure e o estruturalismo</i>
SD 01: LINGUÍSTICA I: Origens da Linguagem através do processo semiótico. Noções de signo linguístico. Língua e Linguística. Linguagem e o idioma Universal. Aplicações da Linguística. História na perspectiva filosófica. Linguística até o século XX. Eixo: História e diacronia (1991).
SD 02: LINGUÍSTICA I: Noções gerais sobre a Linguística; breve história da Linguística; o signo; o surgimento da

⁴ Grifos do autor.

linguagem; a expansão linguística; tipos de linguagens; língua, fala e escrita; língua e linguagem. Concepções de linguagem. Concepções de gramática (1997).

SD 03: LINGUÍSTICA I: Língua, Linguagem e Linguística Estudos pré-linguísticos. Visão inicial da Linguística: as dicotomias saussurianas. Noções básicas do estruturalismo linguístico: unidades mínimas e níveis de análise linguística. Implicações do modelo estruturalista ao ensino de línguas (2003).

SD 04: ESTUDOS LINGUÍSTICOS I: Língua, Linguagem e Linguística Estudos pré-linguísticos. Visão inicial da Linguística: as dicotomias saussurianas. Noções básicas do estruturalismo linguístico: unidades mínimas e níveis de análise linguística. Discussão das implicações do modelo estruturalista ao ensino de línguas com base nas experiências dos alunos (2006).

Saussure constitui o ponto de partida das Linguísticas atuais, como apontam Gadet e Pêcheux (2004), e esse mesmo funcionamento pode ser observado na constituição disciplinar do Curso de Letras, uma vez que em todas as disciplinas elencadas como primeiras tem-se o retorno ao discurso fundador, materializado em *Noções de signo linguístico, As dicotomias saussurianas e Noções básicas do estruturalismo linguístico*.

Entendemos o discurso fundador como “os discursos que funcionam como referência básica no imaginário”, conforme propõe Orlandi (2003, p. 07) ao tratar da constituição do discurso fundador da história de um país. Tomando de empréstimo essa noção e deslocando-a para o campo disciplinar, diremos que Saussure funciona com uma referência básica no imaginário constitutivo da disciplina de Linguística, ou seja, não seria admissível ensinar Linguística sem remontar a seu discurso fundador.

No entanto, mesmo se considerando a importância de Saussure e de suas ideias no processo de cientificação da Linguística, podemos ponderar se o processo de didatização de saberes deve ser dar na mesma sequência da constituição do discurso científico. Ou seja, é preciso ensinar a Linguística seguindo o mesmo percurso de sua constituição enquanto ciência? É preciso iniciar com e por Saussure? É preciso remontar o fio do discurso científico em sua transposição em discurso pedagógico? Entendemos que esse funcionamento negligencia o fato de que quando os saberes científicos são didatizados, no processo de transposição didática, eles passam a ser outros, sob a ilusão de ser o mesmo.

Pêcheux (1999) afirma que a unidade acadêmica da linguística pós-saussuriana iria esfacelar-se no início dos anos de 1960 sob o efeito de dois processos independentes, mas que se desenvolviam simultaneamente: o desenvolvimento da hegemonia teórica da Gramática Gerativo-Transformacional e o aparecimento de uma nova corrente filosófica que se pautava na releitura de Freud, Marx e Saussure, o estruturalismo.

De acordo com Orlandi e Guimarães (2006), para a posição chomskyana, o objeto da Linguística passou a ser a competência linguística, entendida como as regras de formação de

frases que um falante ideal tem por natureza. Gadet e Pêcheux, ao analisarem os percursos de Chomsky, marcam a filiação desse linguista a uma linha teórica:

De Saussure ao C. L. P., do C. L. P. ao funcionalismo, de Bloomfield a Harris e de Harris a Chomsky, um deslocamento teórico foi realizado, conseguindo colocar no centro das preocupações lingüísticas a questão da construção sintática dos enunciados; no campo americano, essa questão se colocará nas formas, fazendo diretamente alusão às preocupações da lógica matemática (GADET; PÊCHEUX, 2004, p. 127).

Segundo os mesmos autores, se havia uma falha no raciocínio de Chomsky, essa falha estaria na sua tentativa de propor uma teoria que, ao mesmo tempo em que dá conta do infinito na linguagem, seja verificável segundo padrões matemáticos:

A contradição do chomskianismo revela-se, aqui, entre o cuidado em construir protótipos gramaticais (parciais, portanto experimentáveis) e a tentação de um recurso narcisista infalsificável aos ideais totalizantes da biologia (GADET; PÊCHEUX, 2004, p. 143).

Gadet e Pêcheux (2004) prosseguem afirmando que Chomsky vai se mostrar sempre antifuncionalista, pois, para ele, a linguagem não é um instrumento de comunicação, e sim uma propriedade biológica da espécie humana que deve ser tratada de um ponto de vista formalista.

Orlandi (2008), ao tratar do funcionalismo e do formalismo na Linguística brasileira, lembra que o estruturalismo se desenvolveu a partir de duas tendências: o formalismo e o funcionalismo. Enquanto forma do estruturalismo, o funcionalismo tem como objetivo considerar as funções desempenhadas pelos elementos lingüísticos. Já o formalismo tende a preocupar-se com a determinação das regularidades da organização lingüística. Esse funcionamento de ideias gerativistas (formalistas) e ideias funcionalistas também está marcado nos ementários das disciplinas de Linguística e Estudos Linguísticos, como podemos observar no GD 02, a seguir:

<i>Grupo discursivo 02 (GD 02) - Formalismo e funcionalismo</i>
SD 01: LINGÜÍSTICA II: Conceitos de gramática. Níveis de análise gramatical. O gerativismo e seus representantes. Noções básicas do funcionalismo lingüístico. Os paradigmas formal e funcional: conceitos básicos, métodos analíticos e repercussões no ensino de línguas (2003).
SD 02: ESTUDOS LINGÜÍSTICOS II: O gerativismo e seus representantes. Noções básicas do funcionalismo lingüístico. Os paradigmas formal e funcional: conceitos básicos, métodos analíticos e análise das repercussões no ensino de línguas com base em memoriais descritivos (2006).

Podemos observar que a formulação das sequências que compõem o GD 02

praticamente se repete e em ambas se marca o estudo dos paradigmas formal e funcional em Linguística. Fazendo aqui um empréstimo dos estudos semânticos, destacamos a relação hiperonímica estabelecida na articulação intradiscursiva de: *gerativismo e seus representantes*, *Noções básicas do funcionalismo linguístico* e *Os paradigmas formal e funcional*, uma vez que o gerativismo se constitui em dos modos de fazer um estudo formal, e o efeito de sentido produzido nessa articulação marca um movimento oposto: como se do gerativismo derivassem os paradigmas formal e funcional.

Considerando que o gerativismo é um dos modos de se fazer um estudo formalista e que há, como aponta Oliveira (2004), formalistas não-gerativistas e há muitas formas de ser formalista, podemos questionar por que então somente o modelo gerativista é, nas SD 01 e 02, apresentado e por que, por outro lado, o funcionalismo linguístico é apresentado de modo bastante genérico?

Para tentar responder a esses questionamentos, observamos o que afirma Pezzati (2004) ao analisar que na área da linguística formal tem se dado uma “importância excessiva” à figura individual de Chomsky, a quem se atribui a fundação do gerativismo. Para Pezzati, esse tipo de consideração “não faz jus à investigação funcionalista, uma vez que esse modo de pesquisa já existia antes mesmo do surgimento da teoria gerativa no final dos anos de 1950” (Ibid., p. 167). Também, na mesma linha, apropriamo-nos do que afirma Pezzati (2004) ao considerar que o termo *funcional* tem sido vinculado a uma variedade tão grande de modelos teóricos que se torna impossível a existência de uma teoria monolítica que seja compartilhada por todos os que se identificam com tal corrente.

Nos ementários que constituem as matrizes curriculares do Curso de Letras, além de se remontar ao discurso fundador da Linguística (GD 01) e de colocar em relação os paradigmas formal e funcional (GD 02), também há lugar para saberes linguísticos que se constituem em outros campos disciplinares, como a Semântica, a Sociolinguística e a Análise de Discurso, tal como podemos observar nos grupos discursivos a seguir.

<i>Grupo discursivo 03 (GD 03) - Estudos semânticos</i>
SD 01: LINGUÍSTICA III: Panorama de várias linhas de estudos semânticos: Semântica Componential (Hjelmslev), Lexical (Pottier), Gerativa (Katz e Fodor), Lógica (Trier, Guiraud, Mounin, Bally, Bühler; Frege), Semântica Conversacional (Austin, Searle); Enunciativa (Benveniste e Ducrot), Semiótica (Greimas) e Discursiva (Pêcheux) (2001).
SD 02: LINGUÍSTICA III: Semântica; Fenômenos Semânticos; Panorama de várias linhas de estudos semânticos: Semântica formal, Semântica Argumentativa, (da enunciação), Semântica Cognitiva, Semiótica, Semântica aplicada ao ensino (2003).
<i>Grupo discursivo 04 (GD 04) - Sociolinguística</i>
SD 01: SOCIOLINGUÍSTICA: Aspectos socioculturais da língua: língua como sistema heterogêneo. Significado

social das formas variantes. Discussão da variação linguística e ensino de língua através da análise documental de textos coletados nas escolas (2006).

No século XX, de acordo com Orlandi e Guimarães (2006), surgiram as ideias linguísticas que deram ênfase à exterioridade, ligadas à Antropologia e à Sociolinguística. Na posição vinculada à Antropologia, considera-se que a língua faz parte e é marcada pela cultura; na posição vinculada à Sociolinguística, a língua é pensada como sendo e tendo uma estrutura variável, dependente de fatores externos à língua, como classe social, faixa etária e escolaridade. Em ambas as perspectivas, os elementos constitutivos da exterioridade são considerados como relevantes no modo de se configurar e se estudar o objeto língua.

Orlandi e Guimarães (2006) apontam o século XX como um último movimento na história dos estudos da linguagem, marcado por uma posição teórica que pensa a relação entre a exterioridade e o linguístico como uma relação constitutiva do processo linguístico. Essa perspectiva é representada pela Análise do Discurso (GD 05), desenvolvida a partir da década de 1960 na França e cujo objeto de estudo fundamental é o discurso, entendido como um “objeto integralmente linguístico e integralmente histórico” (p. 151).

Grupo discursivo 05 (GD 05) - Análise do discurso

SD 01: LINGUÍSTICA III: Noção do discurso. Conceito. Análise do discurso. Tipos de discurso. A heterogeneidade. O discurso. Os conectivos argumentativos. O discurso e o antidiscurso. Os conectivos argumentativos. Eixo: Análise do discurso (1991).

SD 02: ANÁLISE DO DISCURSO: Língua, linguagem, discurso. Condições de produção do texto/discurso pedagógico. A constituição dos sujeitos e sentidos do texto: análise de discursos que circulam na escola. (2006).

Para dar prosseguimento às análises, ancoramo-nos em Pêcheux e Gadet (1997), ao afirmarem que

[...] a história da Linguística apresenta uma particularidade em relação à história das outras ciências (por exemplo, a física) que é a de que a gente não encontra nela, aparentemente, invalidação definitiva de teorias. Assistimos, com efeito, à produção de conceitos científicos mas, e isto é significativo, aquilo contra o que se constituíram esses conceitos continua a existir e a produzir efeitos na pesquisa: é assim para o corte saussuriano, é assim para as críticas construtivas que Chomsky endereçou às gramáticas estruturalistas. Não podemos pois levar em conta só a história da Linguística, temos de levar igualmente em conta o que chamamos filosofia espontânea dos linguistas, que explica que se perpetuem certas contradições, mesmo se de forma transformada (1997, [s.p.]).

Nesse mesmo sentido, segundo Guimarães (1983, p. 06), a “redefinição do objeto”, que se deu nos estudos linguísticos, ocorreu por meio do “alargamento do seu objeto de

estudo” e isso permitiu o desenvolvimento das pesquisas nas diferentes áreas. Para compreender esse “alargamento do objeto da Linguística”, Orlandi e Guimarães (2006) afirmam que as diferentes linhas de reflexão não se configuram como momentos que se sucedem no tempo, pois elas produzem permanências e concomitâncias: uma posição teórica não provoca a substituição da posição anterior, ao contrário, há a convivência simultânea. Além disso, não houve (há) uma estabilização dessas perspectivas teóricas, pois elas mantêm-se produtivas e em constante conflito.

É preciso considerar o que aponta Altman (2004) ao dizer que em ciências da linguagem o avanço da produção científica se dá por acumulação e continuidades dos saberes que são produzidos. A autora refuta a ideia de que se possa pensar a Linguística como uma ciência paradigmática, uma vez que a cientificidade Linguística contemporânea parece ter se fragmentado em diversos paradigmas⁵ que não são autoexcludentes, dado que e a supremacia momentânea de um modelo teórico, de um modo de fazer a ciência linguística, não implica no desaparecimento dos outros.

Na análise das ementas, observamos um movimento disciplinar similar, quando identificamos a presença de saberes que se vinculam a diferentes perspectivas teóricas na formulação de cada ementário, o que pode ser visualizado no quadro a seguir:

<i>Grupo discursivo 06 (GD 06) - (Pro)Fusão Linguística</i>
SD 01: LINGUÍSTICA I: Linguagem e sociedade. Linguagem e cultura. Variação linguística: desenvolvimento, função e uso. A ciência linguística. Linguística. Língua e linguagem oral e escrita. (1990)
SD 02: LINGUÍSTICA II: Análise do discurso. O signo linguístico. A dupla de articulação. Fonética articulatória. Fonologia e morfologia. Fonologia: conceito. Análise fonológica. Morfologia: conceito. Tipos de unidades, morfemas e alomorfes. Prática de análise em fonologia e morfologia. (1990)
SD 03: LINGUÍSTICA III: A sociolinguística. A psicolinguística. Gramática Gerativa Transformacional: fundamentos, conceitos básicos e componentes. (1990)
SD 04: LINGUÍSTICA II: Linguagem. Signo Linguístico. Características da linguagem. Linguagem e Ideologia. Linguagem e Poder. Linguística e o ensino da Língua materna. Eixo: Linguagens e sociedade. (1991)
SD 05: LINGUÍSTICA II: Noções de fonética, fonologia, Variação Linguística (fatores), língua, fala e escrita, língua e linguagem, características da linguagem, características e aquisição da linguagem, funções, níveis de linguagem. (1997)

Ao analisarmos as sequências constitutivas do *GD 06* observamos o funcionamento de saberes filiados a disciplinas ou teorias linguísticas diferentes. Por exemplo, na SD 01 identificamos saberes que não se articulam a uma perspectiva, pois há saberes vinculados à

⁵ A autora (2004) parte da noção de *paradigma* proposta por Kuhn. Para este, o progresso científico não se dá somente por continuidade e acumulação, mas por rupturas e descontinuidades, que marcam o surgimento de um novo *paradigma*, incomparável e incomensurável em relação ao que o precedeu.

Linguística Antropológica, pelo estudo das relações entre *linguagem, sociedade e cultura*; à Sociolinguística, por meio da *variação linguística*; e ainda à própria Linguística, ao se propor o estudo da *Ciência Linguística*. Na SD 02 estão marcados saberes vinculados à Análise do Discurso, Fonética, Fonologia e Morfologia. Na SD 03, encontramos menção a duas disciplinas consideradas subáreas, mas independentes da Linguística, em *Sociolinguística* e *Psicolinguística*. Além disso, também se propõe o estudo da *Gramática Gerativa*.

Entendemos que a coocorrência de saberes filiados a diferentes perspectivas ou disciplinas linguísticas na formulação de um mesmo ementário, mostra a (pro)fusão de saberes e marca a preocupação em fornecer um panorama geral das diferentes linhas de estudo na ciência linguística, constituindo uma disciplina interdisciplinar. Nesse sentido, consideramos o que Orlandi tem chamado de “dispersão disciplinar”:

Há uma dispersão das formas de conhecimento e os projetos de interdisciplinaridade supõem poder elidir essa dispersão necessária, ou seja, pensam poder ultrapassá-la pela instrumentalização de uma disciplina pela outra. Estes se iludem com a possibilidade do objeto integral e do saber total, como se a fala da interdisciplinaridade pudesse por si ultrapassar a história do conhecimento e não fosse, ao contrário, parte dela. A Análise de Discurso reconhece a dispersão das disciplinas como uma necessidade que se sustenta na própria relação do conhecimento com a linguagem (com o discurso), sendo esta sempre sujeita à interpretação. O que significa afirmar a abertura do simbólico nessa relação com a dispersão do saber em seus diferentes discursos (ORLANDI, 1994, p.53-4).

No entanto, consideramos que esse funcionamento pode apresentar algumas fragilidades quando se trata do ensino da Linguística, pois a imagem que o estudante de Letras pode constituir em relação aos estudos linguísticos pode configurar-se como uma área tão heterogênea e dispersa, e de modo algum coerente.

(CON)FUSÃO DE SABERES - LÍNGUA PORTUGUESA E LINGUÍSTICA

Ao analisar os cursos de Letras das universidades rio-grandenses, Scherer (2005) aponta que nos cursos como UNISC (1973), URI (1969, 1972), URCAMP e UCS (1965), “pelo menos na área de Estudos Linguísticos, a Linguística vem se juntar ao ensino de língua portuguesa, ou seja, Linguística e Língua Portuguesa aparecem justapostas, confundindo-se enquanto disciplina, enquanto ementa, enquanto programa, salvo raras exceções” (Ibid., p. 10). No *corpus* deste trabalho, observamos um funcionamento similar ao apresentado por Scherer (2005) o qual apresentamos no Bloco Discursivo Temático 02, BDT 02.

O *BDT 02* é composto por seis Grupos Discursivos (GD). Cada GD é constituído por sequências discursivas que explicitam a presença de saberes vinculados à ciência linguística na organização curricular de disciplinas nomeadas de Língua Portuguesa ou de Leitura e Produção de Textos nas matrizes curriculares do curso de Letras da UNOCHAPECÓ. Os GDs estão assim identificados:

Bloco discursivo temático 02 (BDT 02): (Con)fusão de saberes: Língua Portuguesa e Linguística
Grupo discursivo 01 (GD 01)- Teoria da Comunicação
Grupo discursivo 02 (GD 02)- Gerativismo
Grupo discursivo 03 (GD 03)- Sociolinguística
Grupo discursivo 04 (GD 04)- Linguística textual
Grupo discursivo 05 (GD 05)- Estudos da Significação e do Discurso
Grupo discursivo 06 (GD 06)- (Con)junção: Linguística e Língua

A partir da análise dos quadros de ementários, observamos que no momento de implantação do curso, em 1990, os conteúdos listados na formulação das ementas das disciplinas de Língua Portuguesa, que correspondem a um recorte do universo do dizível, estavam vinculados à concepção que toma a linguagem como instrumento de comunicação, vinculando-se a saberes advindos da Teoria da Comunicação.

De acordo com Sampaio (2001), a teoria da comunicação fundada na relação entre os elementos do esquema de comunicação é um modelo linear, visto como um processo de transporte da informação de um ponto A (o emissor) para um ponto B (o receptor). A informação, uma vez codificada em sinais por um emissor, seria transmitida através de um canal (a mídia) para um receptor que processaria a sua decodificação⁶. No entanto, tal modelo encerra o processo comunicacional em uma questão de transporte de informações, de modo que o papel dos agentes comunicacionais, como designa Sampaio (2001), são minimizados. De acordo com a autora,

[...] a própria relação entre os agentes comunicacionais, na complexidade e pluralidade de seus interesses e concepções, é desconsiderada, assim também como é negligenciada a discussão acerca do contexto em que se verifica a comunicação (SAMPAIO, 2001, [s.p.]).

Além da relação entre o que Sampaio (2001) chama de agentes comunicacionais, a

⁶ Esse modelo da comunicação, nos seus elementos fundamentais, encontra-se também na Linguística Estruturalista de Roman Jakobson, que analisa o ato de comunicação verbal a partir dos conceitos de remetente, destinatário, mensagem, canal, código e contexto. Ele se origina com F. de Saussure, cujas ideias, organizadas no *Cour de Linguistique Générale*, postulava a existência de uma ciência geral dos signos, a Semiologia, da qual a Linguística faria parte (SAMPAIO, 2001).

utilização do conceito de informação como algo objetivo é bastante problemática em se tratando do esquema que liga um emissor A e um receptor B, de tal modo que a informação é repassada em sua integridade e completeza do emissor para o receptor, que terá acesso, sob essa ótica, à mesma mensagem. Apresentando de antemão alguns problemas relativos à identificação, à filiação à Teoria da Comunicação, apresentamos o primeiro grupo discursivo (GD 01) para, a partir dele, tecermos nossa análise em uma perspectiva discursiva:

Grupo discursivo 01 (GD 01) - Teoria da Comunicação

SD 01: LÍNGUA PORTUGUESA II: Comunicação humana: os códigos, os níveis linguísticos, gramaticalidade e aceitabilidade. Expressão oral: dicção, ortoépia, prosódia, entonação e análise. Expressão escrita. Estudo da gramática aplicada: revisão geral e sistemática. Interpretação de textos técnicos e literários. (1990)
SD 02: LÍNGUA PORTUGUESA III: Linguagem. Língua. Modalidades. Os processos sintáticos: concordância, regência. O uso dos pronomes pessoais. Redação oficial. Documentos e correspondências. (1990)

Nas SDs que constituem esse grupo discursivo, identificamos saberes que se vinculam à Teoria da Comunicação ao se marcar a preocupação em estudar a *comunicação humana* e seus *códigos*; a necessidade de aprender a interpretar *textos técnicos* e de redigir *documentos e correspondências* de acordo com os modelos já formatados no circuito comunicativo da *redação oficial*. Entendemos que a seleção desses conteúdos, no conjunto de ementários de disciplinas de Língua Portuguesa, sinaliza um efeito de identificação ao modelo teórico que explica o funcionamento da língua/linguagem por meio de um esquema em que se desconsidera, por exemplo, os sujeitos e as condições de produção do discurso.

A Teoria da Comunicação embasou o ensino de língua portuguesa durante a década de 1970 e, para explicarmos a inserção desses saberes nos ementários de um Curso de Letras implantado no início da década de 1990, podemos considerar que a presença deles se via interdiscurso (no eixo da constituição) nos/pelos vestígios das filiações teóricas dos sujeitos que formulam (via intradiscurso) esses ementários.

A maioria dos professores que formavam o corpo docente que atuou no momento de implantação do curso de Licenciatura Plena caracterizava-se por ter sua formação em Letras datada na década de 1970. Essa era uma época em que a Linguística estava em fase embrionária nas instituições distantes dos centros de referência nos estudos da linguagem; época, também, marcada pelo militarismo e pela forte presença da Teoria da Comunicação.

No entanto, além de tentarmos compreender o porquê de saberes vinculados a um modelo teórico, cuja expressividade se deu em décadas anteriores, se fazerem presentes em

um curso de Letras no início da década de 1990, entendemos ser necessário explicitar as fragilidades de tal modelo à luz da perspectiva discursiva a qual nos filiamos.

De tal modo, quando em ementários de disciplinas de um curso de Letras marca-se um efeito de identificação a saberes que concebem que o processo comunicativo se dá de modo linear, que as informações e seus conteúdos são objetivos e transparentes, que o papel dos sujeitos é minimizado e que as condições de produção são ignoradas, entendemos que tal concepção desconsidera que a linguagem não é transparente, que os sentidos não são conteúdos e “que não há discurso sem sujeito e que não há sujeito sem ideologia”, como sempre lembra Orlandi (2005a, p. 17) a partir de Pêcheux (1997).

Nesse sentido, e na esteira do que afirma Orlandi (2005a), para a AD, o discurso não se trata apenas de transmissão de informação, mas se constitui em efeitos de sentido entre locutores. Assim, compreendemos que um ensino de língua pautado em uma teoria comunicativa mostra-se problemático, em especial quando consideramos que se trata de um curso de voltado à formação de professores na década de 1990 e, também, por se desconsiderar o vínculo entre língua, sujeito e história.

Por outro lado, em nossa análise compreendemos que, se nesse momento do curso os saberes vinculados à Teoria da Comunicação têm seu lugar estabelecido no curso de graduação, do mesmo modo que os saberes vinculados às teorias discursivas, por exemplo, não se fazem presentes, isso acontece em função de dois principais aspectos: a interiorização da instituição e também a interiorização da formação docente⁷.

Além de saberes vinculados à Teoria da Comunicação, nos ementários das disciplinas de Língua Portuguesa e de Leitura e Produção de Textos identificamos a presença de saberes vinculados à Teoria Gerativa, como podemos observar no GD 02:

<i>Grupo discursivo 02 (GD 02) - Gerativismo</i>
SD 01: LÍNGUA PORTUGUESA II: Comunicação humana: os códigos, os níveis linguísticos, gramaticalidade e aceitabilidade. Expressão oral: dicção, ortoépia, prosódia, entonação e análise. Expressão escrita. Estudo da gramática aplicada: revisão geral e sistemática. Interpretação de textos técnicos e literários. (1990)
SD 02: LÍNGUA PORTUGUESA III: Lingüística textual e Língua Portuguesa; estudo dos processos de coesão referencial e seqüencial; coerência sintática e semântica; gramaticalidade; adequação; aceitabilidade. (1997)

A partir da organização da Matriz Curricular do curso de Letras, em 1991, quando houve o trabalho de assessoria de um linguista, o Prof. Dr. João Wanderley Geraldí,

⁷ Em nosso trabalho de tese, desenvolvemos essas análises.

observamos a inserção de saberes vinculados a outras áreas das ciências linguística, não somente à Teoria da comunicação e ao Gerativismo, mas inscritos ainda na Sociolinguística, na Linguística Textual, nos Estudos da Significação e do Discurso, como analisaremos na sequência.

Em relação aos saberes vinculados à Sociolinguística, destacamos que a noção de *variedade linguística* nos mostra a possibilidade de inserção da língua fluida, como a língua concreta da experiência comum (ORLANDI, 2005b). Isso porque “é preciso considerar que a língua não é homogênea: há o falar comum, a linguagem familiar, a vulgar, há falares regionais, rurais, etc.” (p. 64). A noção em foco tem lugar nos ementários, como está posto no GD 03 a seguir:

<i>Grupo discursivo 03 (GD 03) - Sociolinguística</i>
SD 01: LÍNGUA PORTUGUESA I: Variedades linguísticas e o dialeto padrão. Leitura e Produção de Textos, narrativas pessoais, resenhas e textos de jornais. Análise linguística a partir dos textos produzidos pelos alunos: ortografia, acentuação gráfica, pontuação, crase, concordância e regência. Eixo: Variações. (1991)
SD 02: LÍNGUA PORTUGUESA VI: Aspectos socioculturais da língua: língua como sistema heterogêneo. Significado social das formas variantes. Variação linguística e ensino de língua. (2003)

Além das noções vinculadas ao campo da Sociolinguística, também identificamos uma acentuada presença de saberes vinculados à Linguística Textual na formulação dos ementários de Língua Portuguesa e de Leitura e Produção de Textos, como apontamos no GD 04:

<i>Grupo discursivo 04 (GD 04) - Linguística textual</i>
SD 01: LÍNGUA PORTUGUESA III: Estudo de Texto. Coesão Textual e Coerência Textual. Coesão Textual – Conceitos e mecanismos. Coesão sequencial. Coerência Textual: Conceito de Coerência. Coerência e Linguística do texto. Fatores, Coerência e ensino. Aspectos morfológicos. Eixo: Linguagens e sociedade. (1991)
SD 02: LÍNGUA PORTUGUESA III: Linguística textual e Língua Portuguesa; estudo dos processos de coesão referencial e sequencial; coerência sintática e semântica; gramaticalidade; adequação; aceitabilidade. (1997)
SD 03: LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS II: Análise, produção e análise de textos. Texto e textualidade. Texto escrito e falado. Fatores de textualidade no texto escrito e no texto falado. Tipologias textuais. O texto na sala de aula: análise de textos coletados em escolas. (2006)
SD 04: LÍNGUA PORTUGUESA IV: Linguística textual e Língua Portuguesa: intertextualidade, informatividade: os diferentes tipos de textos, seus contextos e práticas sociais. As máximas de Grice; noções de implicatura e relevância aplicadas às diferentes tipologias de textos. (1997)
SD 05: LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS II: Análise, produção e análise de textos. Texto e textualidade. Texto escrito e falado. Fatores de textualidade no texto escrito e no texto falado. Tipologias textuais. O texto na sala de aula: análise de textos coletados em escolas. (2006)

Nas *SDs do GD 04*, identificamos saberes vinculados à Linguística Textual, pela preocupação no estudo dos aspectos relativos à textualidade. No final dos anos de 1980, entraram em funcionamento no ensino de língua portuguesa as ideias advindas da Linguística Textual, que centravam o ensino na formação de leitores/produtores competentes. Tais ideias

promoveram uma transformação na concepção de língua, que passou a ser discutida nas relações entre língua, história e sociedade, sendo ainda expressa em textos.

Além de saberes vinculados à área dos estudos sociolinguísticos e da Linguística Aplicada, também ressoam saberes vinculados aos estudos da significação, os quais apresentamos no *GD 05*:

<i>Grupo discursivo 05 (GD 05) - Estudos da Significação e do Discurso</i>
SD 01: LÍNGUA PORTUGUESA IV: Semântica: fatores lógicos e motivação do significado. Alteração semântica. Análise semântica. (1990)
SD 02: LÍNGUA PORTUGUESA II: O formal e o Semântico. Gramatical. Semântica e Pragmática. Eixo: História – Diacronia. (1991)
SD 03: LÍNGUA PORTUGUESA IV: Semântica do Português. Fatores lógicos e motivação do significado. Alterações semânticas. Análise semântica. Significado e contexto. Eixo: Análise do discurso. (1991)
SD 04: LÍNGUA PORTUGUESA VII: O texto e a textualidade. Subjetividade. Filosofia de ensino. Gramática e Política. Pressupostos e subentendidos. Linguagem, metalinguagem e performativos. Eixo: Escola e ensino. (1991)
SD 05: LÍNGUA PORTUGUESA IV: Linguística textual e Língua Portuguesa: intertextualidade, informatividade: os diferentes tipos de textos, seus contextos e práticas sociais. As máximas de Grice; noções de implicatura e relevância aplicadas às diferentes tipologias de textos. (1997)
SD 06: LÍNGUA PORTUGUESA VII: Semântica e pragmática. Dêixis. Performativos. Polissemia, ambiguidade e polifonia. Atos de fala. (1997)
SD 07: LÍNGUA PORTUGUESA VII: Língua, linguagem, discurso. Condições de produção do texto/discurso pedagógico. A constituição dos sujeitos e sentidos do texto. (2003)

Nas *SDs* organizadas no *GD 05*, identificamos saberes vinculados a áreas de estudos linguísticos que têm como objeto questões relativas à significação: a semântica formal, ao se propor o estudo dos fatores lógicos que motivam o significado, e a semântica argumentativa (ou enunciativa), ao se propor o estudo das questões de subjetividade, pressuposição e subentendidos. Entendemos que os saberes expressos na formulação das *SDs 02, 03 e 04* funcionam no sentido de chamar atenção para o fato de que a significação e que os sentidos não estão presos às palavras, sendo necessário considerar fatores de ordem extralinguística.

Para analisar o último grupo discursivo deste bloco, ancoramo-nos em Pêcheux (1981) ao analisar o efeito de articulação da partícula *e*. Em termos discursivos, o *e* estabelece uma relação rica em consequências semânticas, de modo que nos elementos coordenados pode-se ter um efeito de articulação intradiscursiva em que o interdiscurso se manifesta como fonte de evidências enunciadas. Orlandi complementa dizendo que “a coordenação funciona como uma espécie de elemento catalisador de diferentes discursos” (1997, p. 37), no caso de nosso trabalho, os discursos da/sobre Linguística e os discursos do/sobre ensino de língua portuguesa, conforme apresentamos no *GD 06*:

<i>Grupo discursivo 06: (Con)junção: Linguística e Língua</i>

SD 01: LÍNGUA PORTUGUESA VII (linguística e ensino de língua portuguesa): Articulação entre Linguística e ensino da Língua Portuguesa Brasileira. (2001)
--

A partir da *SD 01* apresentada no *GD 06*, propomos refletir sobre o emprego da conjunção **e** como elemento coordenador entre os saberes vinculados aos estudos linguísticos e os saberes relativos ao ensino de língua portuguesa. Propomos considerar que o *GD 06* sintetiza os demais *GDs* que apresentamos, uma vez que o emprego da conjunção **e** marca a catalisação de saberes que emergem de diferentes domínios do saber. Em nossa análise, por meio desse funcionamento conjuntivo tem-se a constituição de um lugar discursivo de entremeio, um entremeio que se constitui entre a Linguística e o ensino de língua portuguesa, pois consideramos que o domínio dos conhecimentos sobre a língua se significa como o objeto de estudo e de trabalho do estudante de Letras.

Esse lugar de entremeio é reiterado pela coocorrência dos demais grupos discursivos, uma vez que, em nossa análise, a (con) fusão entre Linguística e Língua Portuguesa na constituição disciplinar não se configura com um espaço de tensão em que uma pressupõe a exclusão da outra, e sim em um lugar que se configura como heterogêneo por nele funcionarem saberes advindos de campos disciplinares distintos que, ao coexistirem, não fundam uma nova disciplina.

ARTICULANDO SABERES: PARA EFEITOS DE FECHAMENTO

Em nossa análise, esses sentidos que se constituem nas diferentes relações com os saberes marcam o efeito de articulação entre a Linguística e o ensino de língua portuguesa. Entendemos que os saberes ao serem formulados, no nível de articulação intradiscursiva, se constituem pelo funcionamento do interdiscurso que se manifesta como fonte de evidências enunciadas. Ou seja, para que essa relação funcione e faça sentido no intradiscurso, é preciso que ela já faça sentido no interdiscurso.

Os diferentes movimentos de saberes que analisamos a partir da formulação das ementas acenam para o lugar que a ciência linguística ocupa na constituição disciplinar: ela se constitui no entremeio de saberes, saberes da ciência linguística e saberes da língua portuguesa. Esse *entremeio* significa como um lugar de fronteiras fluidas e sua constituição se faz pelo efeito de identificação a saberes que emergem de diferentes lugares, sendo por

isso, também, heterogêneo e ao mesmo tempo singular. Em nosso entendimento, essa singularidade está marcada na e pela preocupação quanto às questões vinculadas ao ensino de língua portuguesa e à formação de professores de Língua Portuguesa.

Com base nas análises que apresentamos e no que propõe Guimarães ao afirmar que

[...] a redefinição constante do objeto da lingüística, incluindo-se a concepção geral de que a linguagem não é só uma estrutura que se define independente do mundo e é mais que um conjunto de frases eles (os lingüistas) poderão: modificar o próprio conhecimento sobre a linguagem [...] discutir enquanto lingüistas, problemas da vida nacional, procurando interferir substancialmente na escolha dos rumos da vida brasileira, como um todo, ou setorialmente: o rumo da escola brasileira, o rumo da política sobre as minorias brasileiras, etc.; e desenvolver conhecimentos adequados para a melhoria, *e uma melhoria que nos interessa, do ensino de português ou do ensino de modo geral* (1983, p. 42). [grifos nossos]

entendemos que o funcionamento da relação *Linguística e ensino de língua portuguesa* marca um “alargamento do objeto” da própria Linguística, uma vez que esse funcionamento se dá no nível interdiscursivo e se mostra no intradiscursivo. Consideramos, nesse sentido, a afirmação de Lagazzi-Rodrigues (2007) de que no campo científico a prática científica é determinada pela identificação a filiações teóricas, e parece-nos possível propor que a prática científica em linguística, ou seja, os modos de conceber, delimitar e abordar o objeto de estudo sejam afetados pelas filiações teóricas a que os linguistas, (pre)ocupados com o ensino, se vinculam. Dito de outro modo, se os linguistas se identificam com a relação Linguística e ensino de língua portuguesa, tem-se um deslocamento na prática científica: a relação com o objeto de conhecimento é deslocada, criando condições de um novo vir a ser da própria Linguística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTMAN, C. (2004). *A pesquisa Linguística no Brasil (1968 - 1988)*. São Paulo: Humanitás/FFLCH/USP.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.). *Glossário de termos do discurso*. Porto Alegre, Gráfica da UFRGS, 2001.
- GADET, F.; PÊCHEUX, M. (2004) *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*. Campinas: Pontes.
- GUIMARÃES, E. (1983). Relevância e objeto da Linguística. In: *ABRALIN: Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, n. 4, p.33-42.

- _____.; ORLANDI, E. P. (2006). O conhecimento sobre a linguagem. In: PFEIFFER, C.C.; NUNES, J.H.. (orgs.). *Introdução às ciências da linguagem: linguagem, história e conhecimento*. Campinas: Pontes.
- LAGAZZI-RODRIGUES, S. (2007). O político na lingüística: processos de representação, legitimação e institucionalização. In: ORLANDI, E.P. (org.). *Política Lingüística no Brasil*. Campinas: Pontes.
- OLIVEIRA, R. P. (2004). Formalismos na lingüística: uma reflexão crítica. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à Lingüística*. V.3. Fundamentos Epistemológicos. São Paulo: Cortez.
- ORLANDI, E. P. (2008). O funcionalismo e o formalismo na lingüística brasileira dos anos 60/80 do século XX. In: BARROS, D. L. P. ; FIORIN, J. L.. *A fabricação dos sentidos*. São Paulo: Paulistana; Humanitas.
- _____. (2005 a). *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes.
- _____. (2005b). *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes.
- _____. (2003). *Discurso fundador*. Campinas: Pontes .
- _____. (1997). Um sentido positivo para o cidadão brasileiro. In: ORLANDI, E. P.; LAJOLO, M.; IANNI, O. *Sociedade e linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp.
- _____. (1994). Discurso, imaginário social e conhecimento. *Em Aberto*, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. Disponível em: <http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/911/817> .Acesso em 10 de julho de 2013.
- PAVEAU, M-A; SARFATI, G-É. (2006). *As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática*. Traduzido por Maria do Rosário Gregolin [et.al.]. São Carlos: Claraluz.
- PÊCHEUX. M.. (1981). L'énoncé: Enchassement, Articulation et Déliasion. In: *Colloque Matérialités discursives*. (Colloque dès 24, 25, 25 avril 1980). Lille: Presses Universitaire de Lille.
- _____. (1999). Papel da memória. In: ACHARD, P. [et .al.]. *Papel da memória*. Traduzido por José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes.
- _____. (1997). Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. (org.) *Gestos de leitura: da história no discurso*. Traduzido por Bethânia S. Mariani [et.al.] Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- PEZATTI, E. G. (2004). O funcionalismo em Linguística. In: MUSSALIN, F.; BENTES,

- Anna Christina (orgs.). *Introdução à Lingüística*. v.3. Fundamentos Epistemológicos. São Paulo: Cortez.
- PIETRI, E. de. (2003). *A constituição do discurso da mudança do ensino de língua materna no Brasil*. 202f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- SAMPAIO, I. S. V. (2001). Conceitos e modelos da comunicação. *Ciberlegenda*, n.5. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/ines1.htm>>. Acesso em: 15 set. 2010.
- SCHERER, A. E. (2005). Linguística no sul: estudo das idéias e organização da memória. In. GUIMARÃES, E.; BRUM DE PAULA, M. R. (orgs.). *Sentido e Memória*. Campinas: Pontes.
- UNOCHAPECÓ. Curso de Letras. (2006). *Alteração Curricular do Curso de Licenciatura de Graduação Plena em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa*, UNOCHAPECÓ – Chapecó/SC. Chapecó.
- _____. _____. (2006). *Projeto Político Pedagógico do Curso de Letras*, UNOCHAPECÓ-Chapecó/SC. Chapecó.
- _____. _____. (2003). *Projeto de Alteração Curricular com Aumento de Vagas do Curso de Licenciatura de Graduação Plena em Letras e Respectivo Projeto Político Pedagógico*, UNOCHAPECÓ – Chapecó/SC. Chapecó.
- UNOESC. Curso de Letras. (1992). *Projeto de Reconhecimento do Curso de Letras*. UNOESC-Chapecó/SC, Chapecó.
- _____. _____. (1994). *Relatório de Avaliação para Reconhecimento do Curso de Letras*, UNOESC-Chapecó/SC, Chapecó.
- _____. _____. (2001). *Projeto de criação das habilitações em Português, Inglês e Espanhol e aumento de 40 vagas do curso de Licenciatura Plena em Letras da Unoesc/Chapecó/SC*. Chapecó.